O PROCESSO DE EMPRESARIZAÇÃO COMO REFERÊNCIA PARA A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO ESCOLAR E SUAS IMPLICAÇÕES NA CATEGORIA DOCENTE

Débora da Silva Olivo
Universidade Federal de Pelotas (UFPeL)
deboraoливо83@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente estudo visa discutir o processo de empresarização no contexto da educação básica, a fim de perceber as implicações de tal processo na categoria docente. Utiliza o método da observação participante, bem como estudos bibliográficos acerca do tema em foco, buscando entender os meios pelos quais a lógica da empresa se desenvolve na organização escolar, alterando as condições de trabalho e reformulando práticas educacionais, segundo a doutrina que se estabelece, também, na organização pedagógica.

DESENVOLVIMENTO

As práticas cotidianas escolares e o discurso com base empresarial, divulgado acerca da utilização de estratégias de inovação implementadas nas escolas públicas, salientam a intensificação das mudanças educacionais que têm reorganizado o trabalho pedagógico, reconfigurando o trabalho docente e considerando tanto seus aspectos objetivos quanto subjetivos. Sob o argumento do atendimento à iniciativas modernas de organização do trabalho, essa realidade justifica o processo de empresarização na escola como uma tendência natural às demandas da sociedade em desenvolvimento. Ao reconhecerem o modelo de empresa como referência às organizações modernas, Marcio Rodrigues e Rosimeri Carvalho (2006, p. 168) citam Solé (2004) para confirmarem a constatação de que:

[...] buscando a perpetuação dessas organizações e na falta de um outro modelo organizacional, a empresa, apoiada em pressupostos de eficácia, qualidade, resultados e perpetuação, tem se firmado como o modelo de todas as atividades humanas. Nesse sentido, não é raro encontrar organizações que, orientadas pelo modelo empresarial, passam a adotar características que anteriormente eram exclusivas das empresas. Por exemplo, hoje em dia, as organizações usam a linguagem, os métodos, as ferramentas das empresas, além disso, estão sujeitas à concorrência e buscam o benefício econômico.

A ideia de empresa, para Andréu Solé (2008), está associada a uma dimensão antropológica, uma vez que cria um novo sujeito em relação à sua formação humana e em relação aos seus comportamentos sociais. Significa uma referência singular à compreensão moderna de sociedade, já que está interiorizada pelos aspectos subjetivos do indivíduo. Para Dardot e Laval (2016, p. 181), a empresa é uma organização e constitui o homem-empresa, o “verdadeiro sujeito econômico”.

Ao abordar as tendências reformistas na área da educação, Laval (2019, p. 195) argumenta que a noção de “‘modernização’ – vaga, mas de boa receptividade – é o fio condutor de uma retórica de combate diante da qual o espírito crítico parece capitular.”

A alusão à aparente modernização, caracterizada também pela adesão da escola aos sistemas virtuais de ensino, demonstra como a lógica de empresa vai sendo fortalecida nesse contexto, e como vai alterando a realidade por meio da construção de sua linguagem, que norteia a organização do trabalho pedagógico também na educação básica, implicando em uma nova definição do sujeito professor.

Foucault (1987), ao identificar procedimentos organizacionais para a formação de uma sociedade disciplinada, considerando tanto a disciplina dos corpos quanto a das mentes dos sujeitos, e cuja vigilância exercida em uma prisão serve de referência para a ordem estabelecida, pontua:

Esse espaço fechado, recortado, vigiado em todos os seus pontos, onde os indivíduos estão inseridos num lugar fixo, onde os menores movimentos são controlados, onde todos os acontecimentos são registrados, onde um trabalho ininterrupto de escrita liga o centro e a periferia, onde o poder é exercido sem divisão, segundo uma figura hierárquica contínua, onde cada indivíduo é constantemente localizado, examinado e distribuído entre os vivos, os doentes e os mortos – isso tudo constitui um modelo compacto do dispositivo disciplinar. (FOUCAULT, 2004, p. 163).

Como estratégia de disciplinamento, a associação entre as formas de controle exercidas na prisão e as exercidas na escola se torna possível. Além dos mecanismos de vigilância baseada na tecnologia, que configuram um espaço de tensão para os professores – que se veem sob esse controle – e para as relações sociais que se estabelecem tanto dentro da escola quanto em outras esferas da vida desses professores, fazem parte da dinâmica de empresarização nas escolas, ações

como a substituição de termos discursivos, nos quais o vocabulário empresarial é naturalizado na realidade escolar.

Laval (2019, p. 23-24) identifica alguns desses termos e suas substituições, como: “conhecimento”, que passa a ser designado por “competência”; “emancipação política”, substituído por “eficiência produtiva”; “desenvolvimento pessoal”, trocado por “inserção profissional”; “conteúdos apropriados”, convertido para “exigências do universo econômico”. Também “palestra” ou “aula”, é substituída por “treinamento”; “secretaria de educação”, por “instituição mantenedora”; “experiência bem-sucedida”, por “case de sucesso” – o que, no movimento da empresarização, transforma a escola em uma organização empresarial; e os “treinamentos profissionais”, aos quais as “reuniões pedagógicas” foram reduzidas, visam à adaptação dos professores à tecnologia, utilizada como expressão do modelo de organização.

Nesse contexto social, em que a lógica de empresa se consolida também na escola, por meio de mecanismos que atuam em conjunto, como as técnicas de modernização, de controle, de concorrência, de autogestão, de formação de capital humano – as quais se produzem tanto por discursos que idealizam o caráter empresarial, quanto por processos materiais e simbólicos de adaptação e incorporação dessa lógica na escola, cujo alcance supera a esfera das relações de trabalho –, implicações individuais na constituição dos professores como sujeitos sociais revelam a ordem mundial que subjaz o processo de empresarização. O neoliberalismo, mediado pela empresarização, promove mudanças no contexto escolar e, em consequência disso, na ação dos professores. A gestão de si, promovida por tal doutrina, atribui aos professores, também da educação básica, funções que se estendem para outras dimensões da sua vida, intensificando a ideia de empresa como referência intrínseca ao próprio sujeito trabalhador. Nesse sentido, tarefas concernentes ao discurso de modernização, gestão de si e responsabilidades emocionais caracterizam esse processo, limitando formas de organização do trabalho escolar à realização de tal teoria.

RESULTADOS/CONCLUSÕES

Os resultados obtidos até o momento demonstram que o processo de empresarização na escola tem gerado implicações sociais, sobretudo na categoria

docente, uma vez que tanto a intensificação do trabalho tem modificado as relações na organização escolar, quanto o sentido atribuído à educação tem determinado práticas relativas à lógica da empresa. Ademais, observa-se que os discursos utilizados para a consolidação de tal lógica na escola têm definido formas de organização que descaracterizam os fundamentos da educação e os colocam a serviço da razão neoliberal, base para a consolidação da ideia de empresa na escola, fazendo emergir o indivíduo sob a lógica de empresa para a qual todas as dimensões do trabalho docente caracterizam sua função. Repensar essa lógica e identificar alternativas que recuperem o sentido da educação, a partir do trabalho docente, significam, assim, desafios para uma nova organização político-pedagógica no contexto da educação básica.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.

LAVAL, C. **A escola não é uma empresa**: o neoliberalismo em ataque ao ensino público. São Paulo: Boitempo, 2019.

RODRIGUES, Márcio; CARVALHO, Rosimeri. Empresarização e modernidade: a ideia de empresa no centro do mundo. **Alcance**, v. 13, n. 2, p. 167-184, maio/ago. 2006.

SOLÉ, A. **A empresarização do mundo**. Paris: Le Cherche Midi, 2008.